

**Resenha**

**Link-se: arte, mídia, política, cibercultura**  
(BEIGUELMAN, Giselle. São Paulo: Editora Peirópolis, 2005)

Emilly BELARMINO<sup>1</sup>

A cultura da mobilidade transformou em vários aspectos o cotidiano da sociedade moderna. Aliados a web, os dispositivos móveis se tornaram cada vez mais ubíquos e sencientes, em reflexo disso alcançamos novas formas de ser e interagir enquanto indivíduos. *Link-se: arte, mídia, política, cibercultura* (Peirópolis, 176 págs.), é uma obra que discorre sobre essas mudanças, em especial aspectos da criação, produção e circulação na cultura das redes, nos campos da arte, mídia, política e o nomadismo wireless. O livro surgiu da idealização de Renata Farhat Borges, editora da Peirópolis. A obra é a reunião de textos publicados por Giselle Beiguelman em revistas, jornais e sites entre os anos de 2001 e 2005.

Os textos foram previamente revistos, adaptados e atualizados para formar, como classifica a autora, conteúdos “originais de segunda geração”. Os escritos estão divididos em 4 seções: Arte Gasosa; Mídias Corrosivas; Políticas Ácidas e; Nomadismo Volátil. Através de experiências próprias, entrevistas e pesquisas a autora apresenta reflexões acerca da influência do avanço tecnológico em quatro distintos campos: arte, mídia, política e cibercultura.

No primeiro capítulo do livro, “Artes Gasosas” o debate é voltado para game, música, vídeo e imagem. Logo no início somos convidados a pensar na adaptação das relações entre tecnologia e natureza na contemporaneidade, onde humanos e máquinas se unem incorporando qualidades humanas e codificações digitais que codificam o homem moderno. Essa mudança também pôde ser sentida na arte, onde algumas produções passaram a se hibridizar fundindo cinema digital, ciberliteratura e jogos online na mesma plataforma, como o projeto “*Filmtext*”, criado pelo Mark Amerika,

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: emilly\_belarmino@hotmail.com

exemplificado pela autora. Um filme que se passa em lugar nenhum e faz uso de todas as mídias possíveis para existir. O que diferencia essas experimentações artísticas de hoje a partir das mídias digitais “não é meramente o fato de apropriar-se e dialogar com os recursos tecnológicos, mas sim as formas como se imbrica com a produção científica, cultural e de informação” (p. 27).

Algumas dessas experiências, nos convidam a uma desconstrução de valores e conceitos por meio do desmanche de estruturas e perversão do olhar, por exemplo. A reconfiguração da autoria também ocorre nos novos repertórios de criação. A autora fala sobre o surgimento de novos coletivos que disseminam formas alternativas de produção e distribuição cultural como acontece com o grupo Re:Combo, no Brasil, que desenvolvem projetos de arte digital e música de forma descentralizada e colaborativa na web. O debate sobre autoria embarca no universo acadêmico com enfoque também em questões como credibilidade dos textos acadêmicos na rede.

Para isso, é utilizado como exemplo o projeto de doutorado de Cícero Inácio da Silva, onde vários sites foram criados, com citações aleatórias e nomes de autores consagrados; no entanto, as pessoas que acessaram não se deram conta disso e usaram trechos dessas citações em projetos acadêmicos, deixando de lado os avisos encontrados no site que informavam que os textos eram falsos e criados apenas com o propósito investigativo para a pesquisa, nos fazendo assim, refletir o quanto precisamos verificar a autenticidade de informações encontradas em redes antes de fazer uso delas.

Em “Mídias Corrossivas” somos convidados a refletir as mudanças sofridas no mundo da arte, comunicação e sociedade causadas pela internet. A convergência das mídias é debatida a partir do crescimento dos números de blogs que acabaram causando modificações no modo de se produzir notícia, construção de fama e reconhecimento através da tela na web. Com o aumento do número de exposições ligadas a web arte no Brasil a autora levanta uma questão: o país está realmente pronto para esse tipo de criação?

Ao longo de situações vividas por expositores em grandes galerias nacionais é evidenciado a falta de ambientes apropriados para exposições de arte online. A autora critica a repetição do mesmo grupo de artistas nas galerias e fala sobre imposições dos ambientes de exposição que impedem a completa imersão na arte e que, enquanto as

grandes corporações consideram essa arte “sem valor”, a academia acolhe e investe. Ela ainda complementa falando da necessidade de entendermos que “projetos on-line não são projetos de tela que se dão no monitor ou no interior do computador” (p.91); para ela, os projetos são mediados por essas interfaces, pois ainda não possuem um suporte além desses dispositivos.

A banalização da memória também ganha espaço para debate em fatos como o 11 de Setembro, onde o ambiente de dor e sofrimento se transformou em ponto turístico no qual pessoas iam tirar selfies e comprar “lembrancinhas” entre as ruínas e escombros. Em meio a essa “inversão de valores” adentramos na reflexão do quanto o corpo rompeu barreiras graças à internet. Por meio de interações com terceiros nas redes sociais podemos ser quem quisermos e assumir múltiplas personalidades.

O capítulo “Políticas Ácidas” aborda sobre a relação da internet com as políticas governamentais, sociais e capitalistas. Através do ataque do vírus *MyDoom* contra o site do *SCO Group* a autora levanta questões sobre o surgimento dos vírus na internet para debater sobre o surgimento da tecnotirania que se impõe transformando internautas em soldados involuntários. Mais à frente, o debate é sobre vigilância e sociedade de controle evidenciando transformações de velhos paradigmas que nos guiavam “a começar pela relação homem-tecnologia, invertendo a tendência corrente desde o século 19 que configurava a máquina com extensão do corpo” (p.127).

Ela afirma que o “Big Brother” deixa de nos assistir, dando lugar a códigos, senhas e a biologia, que servem como campo informacional gerador de dados para bases computadorizadas. Entrando no campo da política governamental, o foco é para a incoerência ideológica por alguns candidatos em rede e cita como exemplo o ano em que Le Pen, candidato a presidente ultradireitista francês se dizia desejar uma “França mais francesa” (p.130) mas comprou para o seu site um domínio americano mesmo em meio às opções francesas a ele dispostas.

Beiguelman encerra o capítulo falando sobre o capitalismo informacional e nos dá um exemplo bastante presente em nossa rotina informatizada: o uso de buscadores como Google e A9, da Amazon. A autora nos lembra da quantidade de informação que essas ferramentas armazenam ao nosso respeito e de que elas, posteriormente, são

usadas em favorecimento das empresas ou de terceiros, que compram o “direito” por esses dados.

No quarto e último capítulo “Nomadismo Volátil”, a autora inicia debatendo sobre “Arte Wireless” e afirma que classificá-la como “a arte da cultura da mobilidade é correto, mas demasiadamente genérico” (p.151) pois, o que mais interessa nesse tipo de arte é a relação entre o remetente e o destinatário, a troca de conteúdo e dados sendo feita entre os aparelhos, a autora ainda afirma que “a contemplação de desfaz. A situação ideal também” e evidencia que as práticas híbridas mediadas por dispositivos móveis e redes de diversas naturezas nos levam a uma outra experimentação artística, cognitiva e epistemológica.

Beiguelman, sobre cultura híbrida, afirma que criar nesse contexto “implica repensar condições, convenções e formatos relacionados às práticas culturais ligadas à ubiquidade” (p.160). Em um breve apanhado de suas exposições no Brasil e na Alemanha, a autora aponta como a contemplação é deixada de lado quando se trata de imagens concebidas para dispositivos móveis, pois devido ao fluxo contínuo da rede elas são vistas em estado de dispersão que impedem uma reflexão mais profunda.

A obra é repleta de exemplos extraídos de experiências vividas por Beiguelman em exposições visitadas e em entrevistas com artistas, bem como links, recortes e imagens criadas pela escritora. É fato que algumas dessas amostras citadas ao longo da obra acabam se tornando repetitivas por se tratarem de assuntos parecidos e algumas chegam a entrar num certo grau de defasagem, como uso do WAP em dispositivos móveis para conexão sem fio, Infravermelho para envio de arquivos entre celulares e Orkut como a rede social do momento. Mas é inegável que apesar do ano em que a obra foi lançada (2005) a autora traz à tona assuntos bastantes atuais que ainda permeiam o nosso cotidiano. O livro nos mostra as múltiplas possibilidades que a cultura da convergência trouxe nos últimos anos.

A relevância da obra se encontra na temática abordada que, de maneira descontraída, dialoga com temas de extrema importância como vigilância e monitoramento, nomadismo e arte wireless, autoria e credibilidades de conteúdos digitais, dentre outros. Conclui-se, portanto, que esta produção nos permite compreender os caminhos percorridos pela evolução das mídias no campo da

comunicação, arte, política e sociedade, servindo como um ponto de partida para abertura de debates acerca do uso constante das tecnologias e sua influência em nosso futuro.